



Pedro Ivo Carvalho

Jornal de Notícias

in Adagietto - Análise situação Covid-19 | 9 de abril 2020

Heróis que ganham 650 euros

O diretor adjunto do Jornal de Notícias põe o dedo na ferida do Sistema Nacional de Saúde e alerta para os salários de médicos, enfermeiros e assistentes operacionais. “Um salário que anda à volta disto é tudo menos honroso para uma classe profissional que, em plena pandemia, foi justamente alcandorada pelos portugueses ao patamar da heroicidade. Um herói nacional não pode ganhar 650 euros. É indigno em qualquer contexto, é vergonhoso no atual”, sublinha. Pedro Ivo Carvalho reforça que de pouco valem os aplausos à varanda ou os vídeos-tributo. Só homenageamos verdadeiramente os profissionais de saúde em Portugal pagando-lhes melhor e com decência, melhorando as condições dos que servem o país.

Armando Esteves Pereira

Correio da Manhã

in Adagietto - Análise situação Covid-19 | 9 de abril 2020

Economia arrisca-se a morrer da cura do vírus

Também o diretor-geral editorial adjunto do Correio da Manhã mostra as suas preocupações em relação à crise económica que a pandemia está a provocar e apresenta as suas soluções. “Arranjem um mecanismo que permita a emissão de empréstimos do BCE a todos os Estados para fazer face aos gastos provocados pelo vírus e garantam que a economia retome quando acabar a emergência sanitária. Essa emissão extraordinária deve ter custo zero nos juros e ser perpétua, ou a 100 anos, de modo a não asfixiar as contas públicas dos países. Se esse helicóptero não chegar, a economia arrisca-se a morrer da cura do vírus.”



Camilo Lourenço

Jornal de Negócios

in Adagietto - Análise situação Covid-19 | 9 de abril 2020

Europa paralisada

Camilo Lourenço diz que perante a tragédia anunciada na economia, a Europa está paralisada. Segundo o analista de economia, Centro e Norte dizem que não devemos fazer emissão conjunta de dívida e o Sul protesta. Centro e Norte dizem sim ao Mecanismo Europeu de Estabilidade. Sul diz não. “Os 10 mil milhões são uma almofada para emergências? E o risco de falências em massa e quebra violenta do poder de compra não são emergência? Depois de as empresas fecharem, não há nada a fazer: em vez de o Estado gastar dinheiro na manutenção da capacidade produtiva, passará a gastá-lo em prestações sociais.”